

## PRÓLOGO\*

---

### GREGORIO PIAIA

Os leitores de Dante têm bem presente a cruel condenação do pontífice Bonifácio VIII no Canto XIX do *Inferno*. Estamos no fosso dos simoníacos no qual a presença do clero é particularmente notável. Lá se encontra a alma do papa Nicolau III († 1280), encravada num fosso com a cabeça para baixo, cujas pontas dos pés despontam para cima e são atormentadas por uma chama. Nicolau pensa que Dante seja Bonifácio VIII, falecido antes do tempo e condenado ao Inferno (a viagem de Dante pelo outro mundo, como se sabe, foi concebida no ano de 1300, enquanto Bonifácio VIII faleceu em 1303): “E ele [Nicolau] gritou: ‘Já estás tu tão cedo aqui, / já estás tu tão cedo, Bonifácio? / A profecia me enganou em alguns anos’<sup>1</sup>. E, então, vem a acusação de haver enganado e arruinado com o mau governo e com a simonia à “linda Senhora” (metáfora da Igreja): “Tão logo te saciaste com aquelas riquezas / pelas quais não temeste apoderar e enganar / a bela senhora e, depois a ultrajaste?” (*Inferno*, XIX, 52-57).

Sem dúvida, não é melhor o tratamento reservado por Dante a outro papa de seu tempo, João XXII<sup>2</sup> (nascido em Cahors), a quem ele alude, junto com Clemente V (natural da Gasconha), quando, no Paraíso, São Pedro se volta contra os pastores da Igreja que traíram sua missão e se

---

\* Tradução por Luís Alberto De Boni.

1. «Ed el gridò: “Se’ tu già costì ritto, / se’ tu già costì ritto, Bonifazio? / Di parecchi anni mi menti lo scritto”.» Segue-se outra citação: «“Se’ tu sì tosto di quell’aver sazio / per lo qual non temesti tòrre a ’nganno / la bella donna, e poi di farne strazio?”» (*Inferno*, XIX, 52-57).
2. «Personalità complessa e per molti aspetti difficile, Giovanni XXII non ha ancora trovato uno storico che gli renda pienamente giustizia». Assim se lhe referia, há quase meio século, Raul MANSELLI, (*Enciclopedia Dantesca*, vol. III, Istituto della Enciclopedia Italiana, Roma 1971, p. 189-190). A propósito, é oportuno ressaltar o grosso volume, *Jean XXII et le Midi*, coordenado por M. FOURNIE e D. LE BLEVEC, Privat, Toulouse (*Cahiers de Fanjeaux. Publication annuelle d’histoire religieuse du Midi au Moyen Age*, 45, em particular, o estudo inicial de G. LOBRICHON, *Historiographie de Jean XXII*, p. 13-50).

transformaram em lobos: “Em vestes de pastor, lobos vorazes / são vistos aqui de cima em todas as pastagens. / Ó vingança divina, por que estás inerte? / Gascões e caorsinos se apressam a beber de nosso sangue/ ó bom princípio/em que irás cair!”<sup>3</sup> (*Paraíso*, XXVII, 55-60). Aqui a ganância e a cupidez dos dois pontífices indicam o máximo de degeneração em que a Igreja tinha caído; e é verossímil que o Alighieri, se ainda estivesse vivo, teria acolhido com satisfação a notícia da deposição do “padre de Cahors”, ocorrida após o processo movido contra ele, em Roma, por Luís da Baviera, nos primeiros meses de 1327.

*Si licet parva componere magnis*<sup>4</sup>, saltando seis séculos e meio, passemos agora, de Dante para Umberto Eco (falecido recentemente), um autor que, quanto ao número de exemplares de *O nome da Rosa* vendidos no mundo afora faz concorrência à *Divina Comédia*. E eis que aparecem pontualmente no diálogo entre frei Guilherme de Baskerville, Ubertino de Casale e Miguel de Cesena – realizado na hora sexta do quarto dia – as referências ao “infame Bonifácio”, bem como ao “anão mais que septuagenário”, “de aspeto de um pequeno tísico, mas mais robusto e mais astuto de quanto se pensava,” isto é, João XXII, a quem não foram poupados epítetos tanto coloridos quanto injuriosos: “perjuro”, “sem pudor”, “corvo ladrão”, “mercador judeu” (devido à sua política financeira), e, acima de tudo, “louco” em razão «de seus desatinos em campo teológico” ou melhor, pela tese sobre “a Visão Beatífica”, postergada para depois do juízo final.

Indiscutivelmente, se dermos uma volta ao mundo, constataremos que um percentual mínimo das dezenas de milhões dos leitores de *O nome da Rosa* terá dado atenção a este diálogo imaginário e, tomado de curiosidade, e terá interessado pelos afamados e discutidos pontificados de Bonifácio VIII e João XXII. Mas, em todo caso, em nosso imaginário histórico, as figuras desses dois papas reaparecem muito negativamente.

Sob esse ponto de vista se pode bem dizer que é um trabalho audacioso publicar um volume, em cujo título aparecem os nomes de dois papas que foram amaldiçoados em seu tempo (ao menos pelos adversários) e que, ainda hoje, são golpeados pela *damnatio memoriae*, enquanto foram defensores daquele poder hierocrático, cuja derrota foi um dos sinais do início da Modernidade. No entanto, um olhar já distanciado, com o qual podemos visualizar até mesmo a modernidade e seus mitos (não quero aqui evocar o ‘pós-moderno’, que é um conceito um tanto nebuloso e equívoco), nos permite ver, com espírito mais equânime e menos precon-

3. «In vesta di pastor lupi rapaci/ si veggion di quassù per tutti i paschi:/ o difesa di Dio, perché pur giaci?/ Del sangue nostro Caorsini e Guaschi / s'apparecchian di bere: o buon principio,/ a che vil fine convien che tu caschi» (*Paradiso*, XXVII, 55-60).

4. “Se é lícito comparar as coisas pequenas com as grandes” (Virgílio, *Geórgicas* IV, 176).

ceituoso, a ação desses pontífices e os conflitos eclesiológico-políticos por eles suscitados e que deram origem a uma rica produção de textos.

À luz dessas considerações julgo muito oportuna a iniciativa dos amigos José Antônio de Camargo Rodrigues de Souza e Bernardo Bayona Aznar de coletar e traduzir para o português e o castelhano uma série de escritos polêmicos e doutrinários que remontam àquele período histórico. São escritos, certamente, direcionados a objetivos ideológicos precisos, mas que, ao mesmo tempo, contribuíram para aprofundar o tema da *potestas*, de suas fontes, de seu uso, de suas relações com a *auctoritas* religiosa. Trata-se de escritos, até agora, conhecidos apenas por um círculo restrito de especialistas, mas, igualmente também enubilados por obras de grande relevo e ressonância, como o tratado *Sobre o poder eclesiástico* de Egídio Romano, a *Determinatio compendiosa de iurisdictione imperii* de Bartolomeu de Lucca, o *Sobre o poder régio e papal* de João Quidort de Paris, o *Sobre a monarquia*, de Dante, o *Defensor da paz* de Marsílio de Pádua e o *Breviloquium de principato tyrannico* de Guilherme de Ockham.

Entretanto, esta coleção de textos menores, devida a autores em parte anônimos, permite melhor compreender o efetivo contexto doutrinário daquele período, porque os escritos maiores foram objeto de pesadas interpretações “modernas”, que levaram a descaminhos os embates doutrinários entre os grandes poderes contrapostos, que foi o que caracterizou os últimos anos do *Duecento* e os primeiros decênios do século XIV. De um lado, a Igreja-instituição que, depois de haver contribuído de maneira essencial para a edificação da civilização medieval, ou melhor, da *societas Christiana*, reivindica uma supremacia política, além da espiritual, mas ao mesmo tempo está próxima de uma crise de longa duração, que culminará na Reforma. Do lado oposto, o impulso em direção à constituição dos Estados nacionais, à qual deve adaptar-se também o Sacro Império Romano, e que se traduz na reivindicação da plena autonomia da *potestas saecularis* e que, enfim, haveria de conduzir à degeneração da estadolatria.

É também das batalhas doutrinárias revividas nesse volume que teve origem a *Modernidade*, em sentido forte, com os seus progressos e suas conquistas, com suas ambiguidades e seus paradoxos, com suas grandezas e seus erros.

